

## OS DESAFIOS E CONSEQUÊNCIAS DA (IN)VISIBILIDADE DO/A PROFESSOR/A HOMOSSEXUAL NO CONTEXTO ACADÊMICO

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.027-009>

**Elvio Carlos da Costa**

Pós-doutorando em Educação pela Unesp – Campus de Rio Claro – SP; Doutor em Educação pela Unesp -Campus de Rio Claro – SP. Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara;  
E-mail: [elvio.costa@fatec.sp.gov.br](mailto:elvio.costa@fatec.sp.gov.br)

**Andréia Osti**

Professora Livre Docente e credenciada no programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp de Rio Claro. Doutora e Mestre em Educação;  
E-mail: [andrea.osti@unesp.br](mailto:andrea.osti@unesp.br)

---

### RESUMO

No atual contexto da educação, a (in)visibilidade do/a professor/a homossexual continua a ser uma questão complexa e muitas vezes negligenciada. Este estudo apresenta como objetivo geral levantar as representações de professores/as da Educação Profissional de uma instituição renomada do Estado de São Paulo sobre a homossexualidade de professores/as dentro do ambiente acadêmico. O delineamento dessa pesquisa se deu por meio de uma pesquisa bibliográfica. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa e descritiva. Foi utilizado como instrumento de coleta de dados um questionário, composto por 03 perguntas abertas, aplicado através do formulário Microsoft Forms aos professores/as, estruturado em consonância com o referencial teórico e os objetivos traçados para essa investigação. Para tanto, participaram desta pesquisa 80 profissionais atuantes na educação profissional, sendo assim descritos: 80 professores/as (denominados de P01 a P80) em diferentes posições hierárquicas de 15 Escolas Técnicas Estaduais contemplando dois Núcleos Regionais do Estado de São Paulo. O primeiro questionamento realizado aos participantes foi se é ou não possível identificar um/a professor/a homossexual que não é autodeclarado. Para 36 (45%) dos participantes, é possível identificar uma pessoa homossexual, 23 (29%) afirmam que não, 20 (25%) apontam que talvez consigam identificar, e apenas 1 (1%) diz não saber responder. O segundo questionamento se refere as representações dos participantes acerca dos/as professores/as homossexuais autodeclarados/as no ambiente escolar, neste sentido, 58 participantes defendem que os/as professores/as homossexuais autodeclarados/as são iguais aos/as professores/as heterossexuais em todos os sentidos, inclusive merecem respeito como qualquer ser humano. A competência profissional do/a professor/a é considerada o fator mais importante para nove pessoas. Quando questionados sobre o fato de um/a professor/a ser homossexual assumido/a pode vir a causar algum tipo de desconforto, constatamos que a maioria 67 (84%), diz não causar nenhum desconforto, 5 (6%) afirmam que sim, e 8 (10%) relatam que talvez. Em suma, os principais desafios e consequências da (in)visibilidade do/a professor/a homossexual no contexto acadêmico incluem a discriminação e preconceito velados ou explícitos por parte de colegas, alunos/as e até a gestão acadêmica, o que pode afetar seu bem-estar emocional e profissional. Além do mais, a invisibilidade pode limitar as oportunidades de progressão na carreira para professores/as homossexuais, como acesso a cargos de liderança, financiamento para pesquisa e reconhecimento acadêmico.

**Palavras-chave:** Educação Profissional. Representação. (In)visibilidade. Professor/a homossexual.



## 1 INTRODUÇÃO

No âmbito acadêmico, a visibilidade e a representação são aspectos cruciais para a promoção da diversidade e da igualdade. No entanto, mesmo em ambientes que valorizam a pluralidade de ideias e identidades, a (in)visibilidade do/a professor/a homossexual continua a ser uma questão complexa e muitas vezes negligenciada. Esta pesquisa se propõe a abordar como a orientação sexual dos/as professores/as homossexuais afeta sua visibilidade, percepção e experiência dentro do ambiente acadêmico.

Ressalta-se que a homossexualidade, historicamente, tem sido um tema sensível em muitos contextos sociais, incluindo o acadêmico, onde as normas e expectativas culturais podem influenciar profundamente a maneira como os/as indivíduos/as LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis/Transexuais, Queers, Intersexos e Assexuados +) são percebidos/as e tratados/as. Embora as instituições acadêmicas muitas vezes declarem seu compromisso com a diversidade e a inclusão, a realidade vivida pelos/as professores/as homossexuais pode divergir significativamente das políticas declaradas (Costa, 2021).

A (in)visibilidade pode se manifestar de várias maneiras, desde a representação nos materiais institucionais até as dinâmicas interpessoais no ambiente de trabalho. Questões como características e estereótipos, discriminação velada, oportunidades de promoção, e até mesmo a autocensura são fenômenos que podem afetar a atuação dos/as professores/as homossexuais.

A representação de professores/as homossexuais nos currículos educacionais é frequentemente negligenciada, mesmo em sociedades que avançam na aceitação da diversidade sexual. Este cenário levanta questões cruciais sobre a visibilidade e a aceitação dentro das instituições educacionais, além de abordar como esses profissionais lidam com preconceitos implícitos e explícitos.

Diante do exposto, este estudo apresenta como objetivo geral levantar as representações de professores/as da Educação Profissional de uma instituição renomada do Estado de São Paulo sobre a homossexualidade de professores/as dentro do ambiente acadêmico. Com a finalidade de atingir tal intenção, os objetivos específicos são: 1) identificar as percepções dos participantes quanto a possibilidade de identificação de um/a professor/a homossexual no ambiente escolar; 2) verificar o que os participantes pensam sobre a presença de professores/as homossexuais autodeclarados na escola; e 3) entender se a existência de um/a professor/a homossexual pode ou não causar algum desconforto a comunidade acadêmica.

Diante disso, almeja-se apresentar sugestões significativas sobre como as políticas institucionais e a cultura organizacional podem ser ajustadas para melhor apoiar a inclusão de todos/as os/as membros/as da comunidade acadêmica. Por meio das representações fornecidas pelos participantes, esta pesquisa visa contribuir para um maior entendimento das complexas dinâmicas de poder, identidade e representação no ambiente acadêmico contemporâneo, bem como para uma noção



das interseções entre identidade sexual e profissionalismo, incentivando reflexões sobre práticas inclusivas e promovendo um ambiente de trabalho mais acolhedor e diversificado para todos os/as educadores/as.

## **2 HOMOSSEXUALIDADE DOCENTE E SUA (IN)VISIBILIDADE NO CONTEXTO ACADÊMICO**

O estudo da homossexualidade docente e sua (in)visibilidade no contexto acadêmico se insere em um campo interdisciplinar que combina teorias sociológicas, estudos de gênero e sexualidade, e análises organizacionais. Por exemplo, a Teoria *Queer* oferece uma lente crítica para analisar as normas de gênero e sexualidade que estruturam as instituições acadêmicas. Ela desafia a ideia de identidades fixas e normativas, enfatizando a fluidez e a multiplicidade de experiências sexuais e de gênero (Cooling, 2013). No contexto da homossexualidade docente, essa teoria questiona como as normas heteronormativas moldam a visibilidade e a aceitação de professores/as que se identificam como LGBTQIA+. Além de problematizar as políticas institucionais e práticas cotidianas que podem marginalizar ou invisibilizar esses/as professores/as.

Outro viés teórico, se trata dos Estudos de Gênero e Sexualidade, que oferecem uma base conceitual sólida para entender como as identidades sexuais são construídas socialmente e como essas construções impactam a vida profissional e pessoal dos/as professores/as (Louro, 2019). A análise crítica desses estudos permite investigar as formas como as identidades LGBTQIA+ são percebidas, representadas e valorizadas dentro do ambiente acadêmico, incluindo examinar a interseccionalidade de raça, classe e gênero na experiência de professores/as LGBTQIA+.

O referencial teórico sobre homossexualidade docente e sua (in)visibilidade no contexto acadêmico revela a complexidade das interações entre identidade, instituições e sociedade (Miskolci, 2007). Para tanto, integrar essas diferentes abordagens teóricas permite uma compreensão mais abrangente dos desafios enfrentados por professores/as LGBTQIA+ e das estratégias potenciais para promover um ambiente acadêmico mais inclusivo e igualitário. Sendo assim, o levantamento bibliográfico apresentado neste trabalho, busca explorar as principais abordagens teóricas e conceituais relevantes para compreender essa temática.

Diante disso, o fenômeno homossexualidade é claramente delineado na profissão docente, pois quando os/as professores/as ultrapassam as fronteiras da sexualidade e de gênero impostas pela sociedade, tais fatores podem provocar, alienar, gerar conflito, tensão, redescoberta, reestruturação e desafios nos ambientes escolares. Assim, conforme Louro (2014) é possível observar no ambiente educacional uma relação profissional, afetiva e social pautada na insegurança, interferindo muitas vezes na autoestima do/a professor/a homossexual, já que muitos preferem o silêncio ao enfrentamento do preconceito. Mas, diante de tantos desafios o/a docente encontra na sua profissão o prazer do

compartilhamento, que lhe é permitido/a, assumindo assim o papel de mediador/a, desenvolvendo uma sensibilidade íntegra dentro do ambiente em que atua.

Corroborando com essa mesma linha de raciocínio, que muitos professores e professoras homossexuais, silenciam sua orientação sexual, tanto no âmbito familiar quanto no profissional, comumente denominado de “armário”. Tal conceito, segundo Seidman (2002) foi cunhado após a segunda Guerra Mundial, momento em que os americanos pregavam a higienização moral. O termo “armário” trata-se de uma metáfora que centraliza a tensão dual nas relações sociais destas pessoas, tornando-se parte do imaginário coletivo sobre homossexualidade. Essa concepção instrumentaliza o conhecimento popular e científico, pois as vidas de muitas pessoas homossexuais estão organizadas numa dinâmica dicotômica, de segredos e revelações, mentiras e verdades, visibilidades e ocultamentos. O autor, também, argumenta que o armário é central na constituição da subjetividade de indivíduos homossexuais, influenciando diretamente em seus processos de sociabilização, pois estabelece um estado de isolamento em função de sentimentos, tais como: medo e vergonha.

Ainda nesse contexto, Miskolci (2014) faz um alerta quanto a essa problemática, argumentando que o processo de *coming out* de pessoas homossexuais nos Estados Unidos da América (EUA) é diferente do Brasil. Pois, “se assumir” homossexual nos EUA faz parte de uma configuração social, que pressupõe distanciamento dos laços familiares na vida adulta, e essas pessoas tendem a centralizar territorialmente suas vivências. E, isso, não acontece no Brasil, embora em grandes cidades brasileiras existam ‘guetos’, a comunidade LGBTQIA+ é amplamente influenciada e impactada pela violência e discriminação nos espaços públicos. Miskolci (2014), ainda, faz uma crítica direcionada a concepção de “armário” de Sedgwick (2007), segundo ele, viver no armário é levar a vida em uma condição de segredo, pois o sujeito está sempre em eminência de ameaça e exposição indesejada. Portanto, o “armário” representa um regime que determina ‘como’, ‘quando’ e ‘qual’ homossexualidade é enunciada e, sobretudo como ‘quem’ pode fazê-lo, configurando as negociações para a existência (re)velada das pessoas homossexuais, denominada por Miskolci (2014) de ‘visibilidade’.

Nessa perspectiva, o estudo de Franco (2015) problematiza os aspectos da constituição identitária de professores/as homossexuais, alegando que sua presença na escola provoca questionamentos com relação às restrições para se discutir a diversidade sexual e de gênero. Neste estudo, compreendeu-se o que os docentes participantes inferiram com relação à possível visibilidade da sexualidade do/a professor/a homossexual no ambiente escolar, gerando reflexões significativas em vários aspectos que envolvem o campo da sexualidade, do gênero, além da construção histórica, social, política e cultural da profissão docente. Baseado nisso, segundo Louro (2019) à medida que a instituição escolar se tornou um espaço de formação privilegiada no início dos tempos modernos, não somente as crianças e jovens foram o foco de observação e disciplina, mas também os/as professores/as. Assim, a figura do mestre, do religioso, do masculino, ganha representatividade em relação ao gênero

da docência, sendo que os professores seguiam rigorosamente instruções de ordem religiosa, além de serem moldados integralmente sob regras e condutas que regulavam seus gestos, seu modo de andar, de falar e de olhar.

Destaca-se que segunda metade do século XIX ocorre o início do processo de feminização da docência. Tal processo, consolida, além da docência, os valores do casamento, da maternidade estabelecidos histórica e socialmente como tarefas fundamentalmente femininas. Dessa, forma o exercício do magistério expressa adequadamente às mulheres. Neste tocante, Louro (2013) destaca que foram as mulheres órfãs, viúvas e, principalmente, solteiras que inicialmente exerciam a profissão docente. Portanto, a vida pessoal das professoras deveria ser irretocável, além de apresentarem um comportamento discreto e reservado. Assim, de acordo com Louro (2013) desperta a imagem da professora solteirona, da mulher recatada sexualmente, instaurando-se a crença de que docentes são desprovidos de sexualidade, para não influenciarem sobre as relações com os/as alunos/as.

De certa forma, essas representações e significados culturais construídos ao longo da história permanecem vigentes até os dias de hoje, pois estruturam os papéis a serem exercidos socialmente por homens e mulheres na docência. Ou seja, a imagem do professor, como jesuíta, está diretamente relacionada a autoridade e ao conhecimento, enquanto o da professora, refere-se à submissão, ao cuidado, à maternidade e ao ensino e a aprendizagem, em especial de crianças. Diante disso, é importante destacar que o/a professor/a homossexual ao exercer a profissão docente, não se desvincula das marcas da sexualidade e do gênero inscritas em seu corpo, por essa e outras razões, que os conflitos relacionados à sexualidade e gênero são desencadeados no ambiente escolar.

Nesse viés de pensamento, Britzman (1996) apresenta três mitos acerca da relação entre a homossexualidade e a heterossexualidade. O primeiro mito está relacionado ao medo manifestado por heterossexuais, na qual pessoas homossexuais assumidas poderiam encorajar ou influenciar os/as jovens a adotarem essa identidade homossexual. Já, o segundo mito, se refere à crença social de que os/as adolescentes são demasiadamente novos para se identificarem como homossexuais. E, por fim o terceiro mito trata-se da crença da separação e da privatização das identidades sexuais, pressupondo que nossos comportamentos na vida privada interferem pouco em nossa vida pública. Em relação ao terceiro mito, é importante esclarecer que as formas e estratégias utilizadas pelas escolas na mediação entre os discursos do privado e do público, incentivam a invisibilidade e ocultamento da (homo) sexualidade. E esses mitos são representações do universo do senso comum, adotadas como verdades.

A autora, acrescenta, ainda, que essa atitude da escola, referente ao terceiro mito, impõe uma forte barreira na ampliação do conhecimento sobre sexualidade, pois alimenta a crença que a sexualidade deve ser confinada à esfera privada. Tal crença, pode ser identificada na investigação de Franco (2015) quando os participantes alegaram, veementemente, que o/a professor/a homossexual não deve revelar sua homo(sexualidade) com seus/as alunos/as, argumentando que o/a professor/a deve saber separar

sua vida profissional de sua vida sexual, caso contrário, dá permissão e liberdade aos estudantes fazerem brincadeiras de cunho preconceituoso, perdendo o respeito para com os/as professores/as. Neste mesmo raciocínio, Lopes (2008) expõe algumas reflexões pautadas na invisibilidade do/a professor/a homossexual, o autor defende uma postura homossexual baseado na sutileza e no silêncio como possibilidade de uma convivência pacífica e harmônica entre heterossexuais e homossexuais.

Por outro lado, opondo-se a essa invisibilidade, Vieira e Lage (2017) esclarecem que a visibilidade se trata de uma ferramenta-chave para a reconstrução da homossexualidade enquanto identidade tão legítima quanto qualquer outra, portanto, tem o direito de ser expressada. As autoras, salientam a necessidade urgente da sociedade romper com a crença de que ser homossexual é sinônimo de inferioridade e, acrescentam que a exclusão social das identidades não-heteronormativas se ampara pela maneira como são encaradas nas diferentes esferas, como a legal, que as punem cerceando seus direitos. À Educação por meio da escola têm a árdua, porém necessária tarefa de promover debates e discussões sobre essa crucial temática, aperfeiçoando o pensamento e as práticas que possam elevar nossa condição de seres humanos, nos âmbitos sociais, individuais e coletivos (Costa, 2021).

De forma semelhante, Rofes (2007) contextualiza ser fundamental que os docentes homossexuais assumam sua identidade no espaço escolar e em sua vida cotidiana. Pois nesse ambiente que os diálogos são estabelecidos. O estudo de França (2016) problematiza as formas como os/as professores/as se constituem docentes homossexuais e promove uma discussão de como esse/a professor/a estabelece relações com os outros e, sobretudo como se relaciona com a instituição escolar, pois assumir-se enquanto professor/a homossexual requer negociação consigo mesmo e com o outro.

Na pesquisa de França (2016) verificou-se que um dos participantes, homossexual autodeclarado, enfatiza que o fato de expressar sua homossexualidade no ambiente escolar, não significa que ele não leve o seu trabalho a sério, revelando que o saber sobre a escola e a profissão docente como lugares de seriedade e responsabilidades e, ao mesmo tempo, o seu estilo de vida é construído durante a docência, ou seja, a constituição de si também passa pelo ambiente escolar, pois é na escola que ele se cria, socializa e se produz. Assim, esse/a professor/a assume a junção da identidade homossexual com a identidade docente, afirmando que não existe essa separação entre as duas identidades, ao mesmo tempo em que destaca o olhar estereotipado da sociedade acerca da homossexualidade.

Ainda no que se refere à homossexualidade docente no ambiente escolar, Carvalho (2018) discute sobre as condições de visibilidade de professoras lésbicas nas escolas da rede de educação do Estado de São Paulo, bem como essas profissionais negociam a sua posição de desviantes da heterossexualidade nas relações que estabelecem com os colegas docentes e estudantes. Tais professoras homossexuais, buscam uma visibilidade por meio de atividades pedagógicas, ou seja, elas devem se esforçar mais, pedagogicamente, do que os outros docentes, para provarem ser competentes,



a fim de garantir legitimidade na existência lésbica. Neste sentido, essas professoras, buscam, a partir de suas próprias existências nas escolas, desconstruir noções diversas já cristalizadas sobre gênero, sexualidade, lesbianismo e diversidade sexual.

Nesse sentido, Santos (2017) aborda sobre a hierarquização entre corpos e práticas docentes de travestis e transexuais (trans), além de investigar às condições de possibilidades para que a narrativa comum de que para ser professora da Educação Básica, a professora trans deve se assumir como transexual, pois existe acrença que à travesti destina-se somente a prostituição, as ruas, as pistas e aos escândalos. Tal narrativa, de acordo com a autora, produz uma representação generalizada acerca das experiências docentes dessas professoras trans.

Mediante ao exposto, percebe-se que paralelamente a todas as problemáticas relacionadas à homossexualidade, existe uma outra que tem se apresentado mais complexa, trata-se da homossexualidade docente. Assim, professores/as que se autodeclaram homossexuais no seu ambiente de trabalho, ou seja, no ambiente acadêmico, estão propícios a sofrerem algum tipo de preconceito, estereótipo e estigma social. Devido a isso, muitos docentes que fogem da heteronormatividade, vivem num intenso dilema entre a escolha de se expressar ou de se ocultar nos espaços escolares, sendo que alguns optam em se enclausurar no “armário”, reforçando sua invisibilidade enquanto ser humano e profissional, e outros escolhem “assumir” sua identidade homossexual (Costa, 2021). Tal dilema, ocorre em todos os níveis de ensino, desde o Ensino Infantil até o Superior, é vivenciado por docentes pertencentes a comunidade LGBTQIA+.

### 3 METODOLOGIA

O delineamento dessa pesquisa se deu por meio de uma pesquisa bibliográfica em banco de dados reconhecidos pelo universo acadêmico e científico, como o portal de periódico da Capes e Scielo. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa e descritiva. Para tanto, participaram desta pesquisa 80 professores/as (denominados de P01 a P80) em diferentes posições hierárquicas de 15 Escolas Técnicas Estaduais contemplando dois Núcleos Regionais do Estado de São Paulo.

#### 3.1 INSTRUMENTO, PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Foi utilizado como instrumento de coleta de dados um questionário, composto por 03 perguntas abertas, aplicado através do formulário *Microsoft Forms* aos professores/as, estruturado em consonância com referencial teórico e os objetivos traçados para essa investigação. Para Gil (2008) o questionário é uma técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado.

Ressalta-se que o presente trabalho seguiu o rigor científico e ético, de acordo com a Resolução 510/16, portanto foi direcionado ao Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos (CEP) do Instituto de Biociências - Unesp/Campus de Rio Claro, com aprovação de acordo com o número do parecer 3.255.918. Os participantes que expressaram concordância de espontânea vontade em participar da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). E em seguida, os dados foram tratados e analisados por meio da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2016).

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1 REPRESENTAÇÕES SOBRE AS CARACTERÍSTICAS QUE IDENTIFICAM UM/A PROFESSOR/A HOMOSSEXUAL

Aqui são apresentadas as representações de 80 professores/as sobre homossexualidade docente no ambiente das Escolas Técnicas Estaduais.

O primeiro questionamento realizado aos participantes foi se é ou não possível identificar um/a professor/a homossexual que não é autodeclarado. Para 36 (45%) dos participantes, é possível identificar uma pessoa homossexual, 23 (29%) afirmam que não, 20 (25%) apontam que talvez consigam identificar, e apenas 1 (1%) diz não saber responder. Os motivos que levam os participantes a dizerem que é possível identificar um/a professor/a homossexual sem esse/a ser autodeclarado/a, são expostos no Quadro 01:

Quadro 01: Características que identificam um/a professor/a homossexual

Vezes mencionadas	Características	Depoimentos dos participantes
19	Gestos, atitudes, postura e comportamento no cotidiano.	<p>“Sim com gestos e atitudes” (P01) “Através da postura do professor” (P27)</p> <p>“Por meio de Gestos, atitudes e a postura da pessoa” (P28)</p> <p>“Conseguo identificar pelo comportamento da pessoa no dia-a-dia” (P34)</p>
08	Tom de voz, jeito de falar e traços efeminados ou masculinizados.	<p>“Sim, pelos traços de homossexual afeminado ou machão” (P14)</p> <p>“Percebo devido aos traços” (P58)</p> <p>“Sim pela voz fina, e os traços afeminados” (P62)</p> <p>“Acredito que a identificação de um homossexual é pelo seu traço” (P64)</p>
03	Forma de se vestir.	<p>“Sim facilmente são identificados pela forma que se vestem” (P13)</p> <p>“Identifico pelas roupas e pelo estilo de se vestir, normalmente se vestem muito bem” (P59)</p>

02 Postagens e pelos seguidores nas redes sociais.	“Eu identifico pelas redes sociais” (P03) “Pelas postagens e amigos virtuais que segue a pessoa” (P39)
01 Não casam e não tem filhos.	“Os homossexuais não se casam, não tem filhos”(P24)
01 Através da insatisfação e baixa estima.	“Através da insatisfação pessoal e baixa estima que os homossexuais têm devido ao preconceito da sociedade” (P35)
01 São reservados.	“Sim, eu consigo identificar, pois os homossexuais sempre são bastante reservados no ambiente escolar” (P42)
01 Uma questão cultural.	“É uma questão cultural, pois os homossexuais sempre apresentam os mesmos gostos paramúsicas etc.” (P48)
<b>08 diferentes características</b>	<b>36 (participantes)</b>

Fonte: Dados da Pesquisa – Elaborado pelos autores.

No Quadro 01 foram identificadas oito principais características, destacamos a priori as três principais que levam as pessoas a conseguirem identificar um/a professor/a homossexual. Para dezenove participantes a identificação ocorre por meio de gestos, atitudes, postura e comportamento no cotidiano escolar. Oito pessoas acreditam que sejam pelo tom de voz, jeito de falar e trejeitos efeminados ou masculinizados e três pessoas declaram que identificam um homossexual pela forma de se vestir. Assim, verifica-se que se perpetua no imaginário social que quanto mais efeminado for o homem, e mais masculinizada for a mulher, maior a probabilidade desses sujeitos sofrerem atos de intolerância e homofobia. Justamente porque eles/as subvertem a estrutura cristalizada e naturalizada de ser homem e mulher. Desta forma, é o corpo, por meio dos gestos, da voz, das nuances que vão dar indícios da suposta homossexualidade e de como essa pessoa vivencia sua masculinidade ou feminilidade.

Percebe-se que os mecanismos da heteronormatividade norteiam os argumentos, pois se a voz de um professor for considerada fina, ou de uma professora ser grossa, isso caracteriza que os mesmos sejam homossexuais? Evidente que não, pois não podemos determinar ou restringir a orientação sexual de uma pessoa, simplesmente pelo timbre de voz (seja aguda ou grave). Assim, como também não podemos afirmar que a sexualidade é determinada apenas pela expressão corpórea, gestual ou até mesmo a forma de vestir de um indivíduo, conhecida como expressão de gênero.

Neste sentido, sabemos que os homossexuais apresentam características consideradas peculiares, principalmente as que foram supracitadas, porém tais características por si só, não são suficientes, para afirmar se são ou não homossexuais. A heteronormatização incutiu, equivocadamente, na cabeça das pessoas, que o homem homossexual, com o tempo, passará a se vestir e a se comportar como mulher, e a mulher homossexual fará o mesmo, travestindo-se de homem. Assim, compartilhamos com o pensamento de Louro (2019) que é preciso ter cuidado ao demonstrar que não



são as características pessoais e sexuais, mas sim, como essas características são representadas pela sociedade, pois o que se diz e o que se pensa sobre elas, irá constituir o que é ser feminino ou masculino.

Outro aspecto apontado pelos participantes, é o comportamento do indivíduo homossexual. Neste sentido, para Moscovici (2005), as representações sociais são conjuntos dinâmicos e sua característica é a produção de comportamentos e relacionamentos com o meio social. Se tal comportamento é considerado desviante, ou seja, fora dos padrões normais impostos pela heteronormatividade, trata-se do comportamento homossexual. Por sua vez, novamente compartilhamos o mesmo sentimento de Louro (2019), quando se refere que tal comportamento envolve todo e qualquer ato de caráter erótico e/ou sexual, genital ou não, realizado por pessoas do mesmo sexo biológico, ainda que, em suas subjetividades, os atores envolvidos nessas situações possam tratar tal ocorrência, tais atos e condutas, de formas diversas e variadas, e até mesmo, no limite, não considerar, por qualquer razão, tal comportamento como um comportamento homossexual.

No que concerne às redes sociais, entendemos que a disponibilização, a troca e o compartilhamento de informações pela internet, escancararam nossas privacidades em todos os sentidos, pois a todo momento mostramos aos nossos círculos de contatos, quais são nossos gostos e manifestamos nossas opiniões, inclusive até as pessoas que estão fora das redes sociais não têm garantia nenhuma de que não terão suas vidas expostas e vasculhadas. Nesse contexto, esta justificativa se relaciona ao estudo empreendido por Garcia (2017) no que se refere ao fato de que as pessoas tendem a se conectar com quem é semelhante a elas. Diante disso, segundo o autor, se um indivíduo tem dez amigos homossexuais e um heterossexual, as pessoas inseridas no mundo cibernético podem inferir que tal pessoa também seja homossexual.

Garcia (2017) ainda notou que os homossexuais tendem a se conectar com os usuários de igual orientação sexual. Assim, embora acreditemos que a interação social e a integração de dados na sociedade digital podem afetar o controle que os indivíduos têm sobre sua privacidade, inclusive sua orientação sexual, não podemos afirmar que um indivíduo é ou não homossexual baseados somente no seu círculo de amizades, principalmente os contatos digitais, conforme sugerem P03 e P39.

Em relação aos laços matrimoniais, nos fez refletir os seguintes questionamentos: o casamento entre pessoas do mesmo sexo é ou não realidade? Um casal hétero que se ama, pode se casar, e tal casamento não gera polêmica, porque um casal homossexual, que também se ama, não pode se casar? E quando se casam geram perplexidade na sociedade heteronormativa? Tais indagações, contrariam a forma de pensar de P24, pois a denominação popular “casamento gay”, foi autorizada desde de 2013, ou seja, todos os cartórios de registro civil do território brasileiro podem celebrar o casamento civil e converter a união estável homoafetiva em casamento.



Tais reflexões podem ser ratificadas de acordo com uma matéria publicada na revista “Isto é” online no início de 2020, que informa que foram registrados 9.520 casamentos de pessoas do mesmo sexo no ano de 2019. Apesar desse número em termos absolutos não ser alto, representa um crescimento significativo de 61,7% em apenas um ano. Tal aumento considerável, possivelmente, se deu ao temor de um retrocesso nos direitos civis dos homossexuais devido à vitória eleitoral do presidente da república, Jair Messias Bolsonaro (mandato: 2019 a 2022). Contudo, um indivíduo homossexual, pode se casar, bem como também pode ter filhos, por meio dos modos tradicionais, inseminação artificial ou por adoção.

Outra representação, que consideramos no mínimo curiosa, se refere ao posicionamento de P35 e P42, em que o primeiro relata que as pessoas homossexuais apresentam as características de insatisfação pessoal e baixa estima em virtude do preconceito que sofrem diariamente na sociedade e o segundo diz que os homossexuais são reservados. Assim, percebemos que existem várias explicações para a homossexualidade e, de alguma maneira tais motivos são oriundos da construção preconceituosa sofrida ao longo dos séculos, inclusive de taxar os homossexuais como: infelizes, solitários e sofredores, pois não encontram espaço na normalidade heterossexual. Pensamos opostamente, os indivíduos homossexuais podem ser pessoas alegres, extrovertidas, seguras e ter uma estima elevada, mesmo face à discriminação corriqueira, características que também identificamos em quaisquer pessoas heterossexuais.

No que se refere ao estilo musical, sabe-se que a população homossexual, tal como a heterossexual, aprecia uma diversidade de estilos, e evidentemente, não podemos generalizar, pois gênero musical é algo muito particular e subjetivo. No entanto, existem alguns hits que normalmente são escolhidos nas playlists mais tocadas em boates gays do mundo inteiro. Inclusive, o público LGBTQIA+ prestigia bastante suas “divas” da música pop, dentre elas: Madonna, Cher, Britney Spears, Lady Gaga entre outras.

A trajetória artística da cantora Madonna a fez ser considerada a rainha dos “gays”, pois a artista sempre atuou fortemente em favor das causas homossexuais ao longo de sua carreira, e muitas de suas músicas remetem simbolicamente a representatividade da homossexualidade, por exemplo a canção “Vogue”. Por meio de suas letras musicais, a cantora sempre promoveu a visibilidade e valorização da cultura *gay*. Posto isto, e fazendo um paralelo, a representação de P48, evidencia que a população *gay*, embora tenha uma cultura bastante peculiar em todos os aspectos, não somente nas questões de estilos musicais, todavia, não podemos considerar que todos os indivíduos homossexuais seguem, estritamente, tal cultura.

Os participantes que afirmam que não e/ou talvez possam identificar um/a professor/a homossexual, somam 43 (54%), e os possíveis motivos para tal ocorrência estão expostos no Quadro 02.

Quadro 02: Motivos possíveis de não e/ou talvez conseguir identificar um/a professor/a homossexual

Vezes mencionados	Motivos	Depoimentos dos participantes
15	Não é possível identificar.	<p>“Eu não consigo identificar” (P14)</p> <p>“Não é possível identificar, a não ser que seja transexual” (P21)</p> <p>“Não é possível identificar, embora alguns tenham trejeitos, mas isso não significa que são” (P70)</p> <p>“Eu não identifico, pois cada um tem o seu jeito” (P80)</p>
15	Nem sempre é possível identificar.	<p>“Nem sempre conseguimos identificar, pois cada um se comporta de um jeito peculiar” (P02)</p> <p>“Nem sempre, uma vez que nem todos homossexuais tem o estereótipo do afeminado ou da machona” (P23)</p> <p>“Nem sempre é possível essa identificação, uma vez que cada vez mais prevalece a forma discreta de ser” (P41)</p> <p>“Nem sempre identificamos, mas a convivência de anos e anos, pode ser que floresça algo e perceba-se” (P51)</p>
05	Em alguns casos sim, mas na maioria não.	<p>“Talvez sim, mas em alguns casos não. Mas acredito que não influencia em nada na qualidade de seu trabalho na escola” (P04)</p>
		<p>“Talvez em alguns casos, pois alguns detalhes são muito fortes e por ter um pouco de experiência fica mais fácil de perceber” (P06)</p>
04	Não é necessário o homossexual se assumir socialmente.	<p>“Não acredito que o homossexual precisa se assumir, pois o heterossexual também não se assume” (P36)</p> <p>“Não há necessidade de se assumir, pois a sexualidade só diz respeito a própria pessoa” (P44)</p>
03	Os estereótipos não definem a homossexualidade.	<p>“Uma vez que não existem regras para classificar pessoas, não podemos nos basear em estereótipos para determinar a orientação sexual de uma pessoa, isso é muito arriscado” (P38)</p> <p>“Não podemos identificar uma pessoa homossexual somente pelos seus estereótipos” (P40)</p>
01	Não é necessário identificar a homossexualidade no ambiente de trabalho.	<p>“Não precisamos identificar a homossexualidade, pois acredito que isso não diz respeito as atividades laborais, pois no ambiente de trabalho o que importa é o profissionalismo da pessoa e não sua orientação sexual” (P45)</p>
<b>06 diferentes motivos</b>		<b>43 (participantes)</b>

Fonte: Dados da Pesquisa – Elaborado pelos autores.

O Quadro 02, revela que 15 participantes não conseguem identificar professores/as homossexuais, 15 salientam que nem sempre é possível fazer tal identificação, 5 dizem que em alguns casos sim, mas na maioria não, 4 justificam que não há necessidade de fazer essa identificação, enquanto 3 participantes afirmam que o estereótipo de uma pessoa não pode definir sua sexualidade e um elucida que não é necessário identificar a homossexualidade no ambiente de trabalho.

Sabemos que há uma confusão, no Brasil e no mundo, no que tange à compreensão e interpretação das diversas nomenclaturas utilizadas para representar a comunidade LGBTQIA+. Tal dificuldade, inclusive ocorre dentro da própria população LGBTQIA+, pois “cada um” adota uma sigla para se referir a esse público. Por isso, temos nos deparado, comumente, com uma sopa de letrinhas, e nunca sabemos qual termo ou sigla é mais adequada. Por conseguinte, de acordo com a representação de P21, criou-se no imaginário popular que quando o homem se veste de mulher, é transexual ou travesti, adotando tal estereótipo para diferenciar-se dos *gays* homossexuais.

Outras duas representações que merecem destaque, referem-se às percepções de P36 e P45, o primeiro acredita que os homossexuais não precisam se assumir socialmente, e o segundo elucida que não é necessário identificar as pessoas homossexuais no ambiente de trabalho. Os resultados da pesquisa de Franco (2015) se assemelham à primeira representação, em que o/a o professor/a homossexual não deve revelar sua homo(sexualidade) com seus/as alunos/as, justificando que os mesmos devem saber separar sua vida profissional da sua vida sexual, caso contrário dá permissão e liberdade aos alunos de fazerem brincadeiras de cunho preconceituoso. Já, em relação à segunda representação, compartilhamos com essa maneira de pensar, pois no ambiente de trabalho, ou seja, na escola, o/a professor/a homossexual, não deve ser rotulado em decorrência de sua orientação sexual. Também concordamos com França (2014) que assumir-se enquanto professor/a homossexual, no ambiente escolar, pode gerar um contínuo processo de negociação com o outro e consigo mesmo.

Ainda no que se relaciona à visibilidade do/a professor/a homossexual no ambiente de trabalho, acreditamos que seja uma decisão íntima, pois assumir-se homossexual na escola, ou em qualquer outro espaço de convivência, não é uma decisão fácil. Tal forma de pensar, é semelhante aos posicionamentos de Lasser, Ryser e Price (2010), pois revelar sua identidade sexual no ambiente de trabalho é uma questão particular, considerando que essa decisão poderá trazer consequências negativas como: a homofobia, o estigma social e os esteriótipos. Como já discutimos, vivemos em uma sociedade regulada por uma heterossexualidade compulsória, isso decorrente da interação de representações de discursos médicos, legais, criminológicos, religiosos e morais. Sendo assim, as pessoas que destoam de tal “evidência”, quase naturalizada, ficam em dúvida de expor-se publicamente, ou seja, de assumir o seu “desvio” e sua não familiaridade como padrão imposto, e isso implica suportar os bônus e as dificuldades de sua decisão.

Como já descrito, os estereótipos peculiares aos homossexuais, nem sempre são suficientes para afirmar a homossexualidade de um indivíduo. Tampouco, podemos generalizar essas características e associá-las a todos os homossexuais. Isso significa, que um/a professor/a pode apresentar alguns traços de homossexuais, mas não ser, e por outro lado, um/a professor/a considerado/a discreto/a, pode vivenciar sua orientação sexual fora dos muros da escola.

Desse modo, para Moscovici (2010) não podemos afirmar que conhecemos e compreendemos um indivíduo, todavia podemos salientar que houve uma tentativa de reconhecimento. Isto posto, a ancoragem sobre um objeto, pessoa ou fenômeno ocorre por meio de duas formas: generalização ou particularização. A primeira forma, generalização, é considerada mais simples, pois apenas categorizamos, por exemplo, as características dos homossexuais. Assim, generaliza-se as características das pessoas, como se todas fossem exatamente iguais, e notoriamente não o são. Já, a segunda forma, particularização, percebe-se a tentativa de descobrir as características, motivação ou atitude que tornam as pessoas distintas.

Ainda nessa direção, em relação ao que os gestores pensam sobre a homossexualidade docente, ambos apresentam posicionamentos favoráveis. Assim, P80 reflete ser um avanço positivo ter uma equipe de professores/as na escola, que vivenciem cotidianamente a diversidade sexual. À vista disso, é importante até para que os/as professores/as e alunos/as compreendam a relevância da igualdade entre as orientações sexuais. Este participante, também, complementa que qualquer um de nós, pode ser excelente profissional, bem-sucedido, feliz, sendo heterossexual ou homossexual.

Neste contexto, na visão de P79, quando uma pessoa se declara ou não homossexual no ambiente profissional é uma escolha particular, pois faz parte do exercício regular de direito pessoal e subjetivo. Portanto, acredita que quando o/a professor/a se declara homossexual na escola é porque já tem uma boa percepção de si mesmo/a, ou seja, tem um bom autoconhecimento. E, com isso, já adquiriu confiança e fortalecimento para se assumir, perante a família e o ambiente de trabalho. Tal posicionamento é semelhante a Rofes (2007) quando contextualiza ser fundamental que os/as docentes homossexuais assumam sua homo (sexualidade) no espaço escolar e em sua vida cotidiana.

Segundo Louro (2014), a escola está empenhada em garantir que os meninos e meninas se tornem homens e mulheres dentro das normas hegemônicas de masculinidade e feminilidade. Baseados nisso, concordamos com a autora, quando afirma que a escola é um dos ambientes mais difíceis para os sujeitos assumirem sua orientação sexual. Tal dificuldade reside no preconceito presente nos discursos institucionalizados, que autorizam e subsidiam a exclusão. Essas exclusões, na visão de Louro (2014) podem ser refletidas, em atividades lúdicas como a formação de filas, específicas para meninos e meninas, com isso, a escola produz e reproduz as diferenças entre os sujeitos, inclusive as de gêneros.



Outro aspecto relevante, exteriorizado por P35, é que todo homossexual exerce múltiplos papéis na sociedade, como: profissional, filho/a, marido/esposa, vizinho/a, pai/mãe, colega de trabalho e parceiro/a sexual. Desse modo, quando possui essa percepção de ser humano integral que é, e se reconhece como homossexual, sabe lidar de forma mais equilibrada com as discriminações sexuais. Em relação aos papéis desempenhados pelos seres humanos, acreditamos que independe da orientação sexual, pois tanto homossexuais quanto heterossexuais assumem diferentes papéis.

Essa afirmação, está apoiada nos estudos de Goffman (2009), esclarecendo que, quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente requer de seus observadores uma representação sobre sua atuação. Na percepção desse autor, o termo representação se refere a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores, e que tem sobre estes, alguma influência. Tal conceito se enquadra perfeitamente, por exemplo, quando um/a professor/a não assume sua orientação homossexual, assim, neste momento está exercendo o papel de professor/a. E não se assumir publicamente, ou seja, “viver no armário”, é denominado por Goffman (2009) de “fachada”, que se refere à forma de expressão do indivíduo, seja ela intencional ou desintencional, gerando diversas representações, que muitas vezes não condiz com a realidade do indivíduo, porém naquele momento faz parte de sua atuação.

Assim, no que tange à tal visibilidade homossexual, concordamos em parte com Miskolci (2014) que revela a importância de a pessoa assumir sua homossexualidade em todos os espectros de sua vida. Por isso, acreditamos ser fundamental amadurecer o processo de autoaceitação, para que não haja dúvidas sobre a legitimidade de seus sentimentos, nem qualquer culpa na hora de assumir a homossexualidade à família, aos colegas do ambiente de trabalho e para a sociedade de forma geral, mas essa é uma decisão do indivíduo.

Ainda, de acordo com Miskolci(2014), esse regime de visibilidade tem se associado a uma nova economia sexual em que o desejo de reconhecimento é moldado por valores baseados no regime de representação heterossexual e seu culto à generificação binária e intransitiva. Mesmo com algumas mudanças, o domínio da masculinidade heterossexual tende a ser preservado em termos simbólicos, políticos e econômicos.

#### 4.2 O QUE OS PARTICIPANTES PENSAM SOBRE OS/AS PROFESSORES/AS HOMOSSEXUAIS AUTODECLARADOS/AS

O Quadro 03 apresenta, de forma agrupada, as representações dos participantes acerca dos/as professores/as homossexuais autodeclarados/as no ambiente escolar.

Quadro 03: O que os participantes pensam sobre professores/as homossexuais autodeclarados/as

Vezes mencionadas	Formas de pensar	Depoimentos dos participantes
58	Os professores homossexuais são iguais aos heterossexuais, que merecem respeito:	<p>“São professores iguais a todos nós” (P04)</p> <p>“Penso que são iguais a mim, e merecem todo meu respeito” (P10)</p> <p>“Para mim são indivíduos normais e iguais a todos nós” (P65)</p> <p>“Não consigo vê-los como diferente dos demais, para mim são todos iguais” (P71)</p> <p>“São pessoas que merecem respeito igual a todos os demais” (P72)</p>
09	O que importa é a competência profissional.	<p>“Não vejo nada além da competência profissional, a vida privada não me interessa” (P8)</p> <p>“O importante é a competência profissional do professor, o que ele é ou deixa de ser não interfere em nada” (P28)</p> <p>“São profissionais competentes” (P59)</p>
05	São pessoas maravilhosas e amigas.	<p>“São pessoas maravilhosas e amigas, muito prazeroso a presença deles na escola” (P06)</p> <p>“Seres humanos maravilhosos que muito contribuíram para o respeito com os diferentes” (P07)</p> <p>“Penso que são seres humanos maravilhosos e amigos, que se esforçam diariamente para conquistar seu espaço no ambiente escolar” (P74)</p>
04	São companheiros de trabalho.	<p>“São companheiros de trabalho” (P01)</p> <p>“São colegas de trabalho, que deixam o ambiente de trabalho saudável” (P09)</p> <p>“São bons companheiros de profissão” (P13)</p>
03	São pessoas corajosas, devido ao preconceito.	<p>“São corajosos por conta do preconceito que sofrem diariamente” (P27)</p> <p>“São representantes de um grupo bastante vulnerável no contexto brasileiro, e dentro e fora das escolas sofrem bastante preconceito por parte de alunos e professores” (P33)</p>
01	São pessoas que podem causar conflitos na escola.	<p>“São pessoas que podem causar conflitos na escola devido a sua orientação sexual” (P62)</p>
<b>06 diferentes formas de pensar</b>		<b>80 (participantes)</b>
<b>06 diferentes formas de pensar</b>		<b>80 (participantes)</b>

Fonte: Dados da Pesquisa – Elaborado pelos autores.

De acordo com o Quadro 03, 58 participantes defendem que os/as professores/as homossexuais autodeclarados/as são iguais aos/as professores/as heterossexuais em todos os sentidos, inclusive merecem respeito como qualquer ser humano. A competência profissional do/a professor/a é considerada o fator mais importante para nove pessoas. Enquanto cinco consideram que os/os professores/as homossexuais são pessoas maravilhosas e amigas. E quatro dizem que são bons companheiros de trabalho.

É importante destacar que três participantes enfatizam que os/as professores/as homossexuais são pessoas corajosas em virtude do preconceito vivenciado no cotidiano fora e dentro da escola. O simples fato de um/a professor/a ter sua orientação homossexual expressa várias representações de gênero e sexualidade. Tal afirmação, vai ao encontro do estudo de Rabelo (2013) que elucida que há possibilidade de essas representações serem mantidas ou modificadas pelos/as professores/as, principalmente porque estes/as exercem uma profissão que produz representações a partir de um saber-fazer que é codificado e transmitido, conferindo certa autoridade a quem o possui. Assim, quando se compartilham e produzem representações, há também a possibilidade de insurgir-se contra as estagnações do poder por meio do questionamento de certas representações que ele/a próprio carrega. De acordo com a autora, o silêncio e as representações preconceituosas de gênero e sexualidade têm estado muito mais presentes nas escolas.

Além do mais, um participante afirma que os/as professores/as homossexuais autodeclarados/as podem causar conflitos na escola. Tal afirmação subliminarmente, implica que a orientação sexual de um indivíduo por si só, pode causar desconfortos. Embora o participante P62 não tenha especificado a natureza do conflito, acreditamos que seja mais uma representação acerca da homossexualidade ancorada indiretamente no preconceito sutil que esse público tem sofrido ao longo dos tempos.

#### 4.3 REPRESENTAÇÕES SOBRE SE A PRESENÇA DO/A PROFESSOR/A PODE CAUSAR DESCONFORTO NA COMUNIDADE ESCOLAR

Quando questionados sobre o fato de um/a professor/a ser homossexual assumido/a pode vir a causar algum tipo de desconforto, constatamos que a maioria 67 (84%), diz não causar nenhum desconforto, 5 (6%) afirmam que sim, e 8 (10%) relatam que talvez.

Aos 13 (16%) participantes que responderam sim ou talvez, foi solicitado para contextualizarem de que forma seria tal desconforto, de acordo com o Quadro 04. Desta forma, apuramos que sete participantes argumentam que depende muito da atitude ética do/a professor/a no convívio com os colegas de trabalho, quatro apontam que necessariamente o/a professor/a homossexual precisa ser discreto. Neste sentido, entendemos que se o/a professor/a não tiver tal discricção, poderá causar desconforto nas pessoas. E, dois participantes revelaram ser homossexuais autodeclarados no ambiente escolar, e ambos afirmam que quando se aproximam, tanto de alunos/as quanto de

professores/as, percebem que o assunto é finalizado, dando a entender que o/a professor/a homossexual era o “motivo” da conversa.

Quadro 21 - Justificativas dos participantes que disseram sim ou talvez em relação ao desconforto causado por um/a professor/a ser homossexual

Vezes mencionadas	Justificativas	Depoimentos dos participantes
07	Depende da atitude ética do professor.	<p>“Depende da atitude ética da pessoa na convivência com outros professores” (P01)</p> <p>“Considero importante o professor homossexual apresentar um bom comportamento ético, para não causar desconforto” (P26)</p>
04	O/a professor/a tem que ser discreto.	<p>“A discrição é fundamental para os professores homossexuais” (P11)</p> <p>“Depende se o professor for gay e não for discreto, vai sim causar desconforto” (P21)</p>
02	Como professor homossexual, identifico que alguns alunos e professores quando chego próximo mudam de assunto.	<p>“Vivencio esse desconforto na prática, principalmente quando me aproximo de alunos e professores, e o assunto se encerra na hora” (P24)</p> <p>“Sinto isso na pele todos os dias, enquanto estão fazendo piadas homofóbicas, tanto em sala de aula quanto na sala dos professores” (P20)</p>
<b>3 diferentes justificativas</b>		<b>13 (participantes)</b>

Fonte: Dados da Pesquisa – Elaborado pelos autores.

Diante das justificativas expostas, verificamos que a palavra “depende” aparece nas citações dos participantes, dando a entender que tal desconforto só irá se concretizar se o/a professor/a homossexual for exclusivamente a causa, por exemplo, se o/a professor/a for ético não irá causar desconforto, como se a mesma situação não ocorresse com um/a professor/a heterossexual. Outro exemplo, é se o/a professor/a for homossexual e não for discreto, com certeza irá causar desconforto, tal conduta nos remete a ideia de anormalidade, ou seja, se for *gay*, mas tiver uma postura dentro dos padrões exigidos pela heteronormatividade, é aceito, caso contrário, não. Dessa forma, mais uma vez culpabilizando o indivíduo homossexual pelo tal desconforto e reprimindo sua visibilidade perante a sociedade, neste caso a comunidade escolar (Costa, 2021). O que é inaceitável, pois tal pensamento e atitude são considerados discriminação de orientação sexual.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A visibilidade e aceitação de professores/as homossexuais no contexto acadêmico são temas cruciais para a promoção da diversidade e inclusão nas instituições de ensino. Diante disso, constatamos que alguns participantes dessa pesquisa identificam os/as professores/as homossexuais através de algumas características, tais como: gestos, comportamento, tom de voz, jeito de falar,

trejeitos efeminados ou masculinizados e modo de se vestir. No tocante a essas representações, inferimos que a corporeidade, isto é, a linguagem corporal, ainda está impregnada de resquícios preconceituosos. Tais discriminações foram construídas e determinadas culturalmente por meio dos signos e significados impostos pela sociedade. Sabemos que o corpo é delimitado e regulado a partir de saberes instituídos pelo poder, consideramos importante evocar Foucault (1998) para destacarmos que há a instauração do corpo quando há um exercício de saber-poder em relação a outros corpos.

Neste caso o corpo é comparado a um objeto no/pelo qual se exercem repressões, castigos e punições, por exemplo, quando comparamos sujeitos heterossexuais com homossexuais. Portanto, nos faz refletir no sentido de que por meio dos corpos podemos nos relacionar com as pessoas, em diferentes ambientes sociais, inclusive nas escolas.

Outro desdobramento do saber-poder de Foucault (1998) trata-se do processo de docilização dos corpos na/pela sociedade. Em relação a isso, acreditamos que essa docilização dos corpos precisa ser evitada e combatida, pois notadamente consiste em um comportamento e atitude que consideramos preconceituosa, pois será considerado adequado o corpo que “performar” de acordo com as normas exigidas pela sociedade, por exemplo, a existência de brincadeiras específicas para os meninos (futebol, carrinho) e para as meninas (boneca e casinha), e possivelmente, tais brincadeiras silenciam os corpos que possuem a sexualidade considerada desviante aos padrões heteronormativos. Ainda sobre a corporeidade, inferimos que as sensações, as emoções e os sentimentos estão conectados e integrados ao corpo dos seres humanos, portanto consideramos que os fatores culturais influenciam nas representações do corpo, por exemplo, o prazer que as pessoas sentem por meio do “toque” corporal, independente se são homossexuais ou heterossexuais, pois o contato físico envolve as dimensões biológicas, psicológicas e sociais.

É salutar apresentarmos uma reflexão pertinente sobre as dificuldades e desafios que o/a professor/a homossexual enfrenta, diariamente, para exercer a profissão docente. Inicialmente, é crucial mencionarmos quanto à escolha do profissional de se assumir ou não homossexual no ambiente escolar, pois se tal profissional trazer aspectos de sua sexualidade para a sala de aula, pode gerar problemas de natureza social, política e pedagógica. Diante disso, um dilema que ocorre com frequência com as pessoas homossexuais é quanto à autodeclarar-se homossexual nos variados espectros da vida: social, familiar e profissional. Assim, consideramos que a visibilidade homossexual ou optar em viver no “armário” é uma escolha de foro íntimo. Entendemos que um dos motivos que leva os/as professores/as homossexuais a não se assumirem nas escolas, trata-se do medo da represália, do preconceito, da discriminação, do estigma e da exclusão social devido a sua orientação sexual, levando-os/as a se aprisionarem no “armário”, potencializando sua invisibilidade enquanto ser humano e profissional. Portanto, esses/as professores/as precisam constantemente negociar seus relacionamentos, discursos e comportamentos.



Para dificultar ainda mais a “aceitabilidade” da homossexualidade na contemporaneidade, especificamente no Brasil, o recorrente discurso do anterior governo Bolsonaro, com notória aversão aos homossexuais, em nosso entendimento, tal “ideologia negacionista” vem despertando o ódio das pessoas que já apresentavam, silenciosamente, uma predisposição à homofobia e dentre outros preconceitos e discriminações, mas que agora se sentem representadas por uma “voz de comando” que as fortalecem e as estimulam a se posicionarem contra a legitimidade, duramente, conquistada pela população LGBTQIA+. Além do mais, diversas ações políticas têm sido realizadas para invisibilizar as conquistas LGBTQIA+ no contexto educacional, tais como suprimir os termos gênero e orientação sexual da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e outros projetos de lei apresentados nas Câmaras Legislativas e no Congresso Nacional, a fim de excluir o tema por completo do universo escolar, movimentos estes que vão contrariamente à diversidade humana.

Ao longo da pesquisa, identificamos que a (in)visibilidade desse/as professores/as pode resultar em discriminação velada, dificuldades emocionais e até mesmo limitações na progressão de suas carreiras. A falta de representação adequada também pode impactar negativamente estudantes LGBTQIA+, que muitas vezes buscam modelos e mentores que compartilhem suas experiências e identidades.

Por outro lado, destacamos que políticas institucionais inclusivas, programas de sensibilização e apoio mútuo entre colegas podem criar um ambiente mais acolhedor e justo para professores/as homossexuais. A visibilidade não apenas valida suas identidades, mas também enriquece a diversidade de perspectivas dentro do ambiente acadêmico, fomentando um espaço mais inclusivo e criativo para todos os/as envolvidos/as.

Os principais desafios e consequências da (in)visibilidade do/a professor/a homossexual no contexto acadêmico incluem a discriminação e preconceito velados ou explícitos por parte de colegas, alunos/as e até a gestão acadêmica, o que pode afetar seu bem-estar emocional e profissional. Além do mais, a invisibilidade pode limitar as oportunidades de progressão na carreira para professores/as homossexuais, como acesso a cargos de liderança, financiamento para pesquisa e reconhecimento acadêmico. E, por fim a ausência de políticas institucionais inclusivas e de programas de apoio específicos pode perpetuar a marginalização de professores/as homossexuais e criar barreiras para sua plena participação e contribuição no ambiente acadêmico.

Diante desse contexto, é imperativo que as instituições acadêmicas reconheçam e valorizem a diversidade sexual entre seus membros, promovendo um ambiente onde todos os/as professores/as possam ensinar e pesquisar livremente, sem medo de discriminação ou marginalização devido à sua orientação sexual. Abordar esses desafios requer um compromisso institucional com a diversidade e a inclusão, políticas claras contra discriminação e estigmatização, e a promoção de um ambiente que valorize e respeite a diversidade sexual de todos os membros da comunidade acadêmica.



## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo. Edições 70, 2016.

BRITZMAN, Deborah P. O que é Esta Coisa Chamada Amor. *Identidade Homossexual e Currículo. Educação e Realidade*. V.21, n.1, p. 71-93. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 1996.

CARVALHO, Tatiana. *Professoras lésbicas na Educação Básica de São Paulo: rupturas e construção de visibilidades*. 2018. 182 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo – USP – Faculdade de Educação, São Paulo, 2018.

COOLING, Leandro. A igualdade não faz o meu gênero – Em defesa das políticas das diferenças para o respeito à diversidade sexual e de gênero no Brasil. *Revista Contemporânea*. V. 3, n. 2, jul – dez, 2013, p. 405 – 427.

COSTA, Elvio Carlos. *Representações sobre Homossexualidade docente no ambiente escolar das Escolas Técnicas Estaduais*. Rio Claro, 2021. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista (UNESP). Instituto de Biociência, Rio Claro, 313 p., 2021.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. ed. 8. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FRANÇA, Filipe Gabriel Ribeiro. *Eu acho que a minha identidade de professora é homossexual: narrativas e experiências de professoras homossexuais*. 2014. 220 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2014.

FRANÇA, Filipe Gabriel Ribeiro. *Sou gay, sou alegre, mas não sou bagunça!: docência, homossexualidade e estética da existência*. *Educação*. Santa Maria. V.41, n. 2. Maio/ago, 2016, p. 425 – 434.

FRANCO, José Frederico Sardinha. *Sexo, abominação e morte no código de santidade: uma análise crítica da homossexualidade em Levítico 20,13*. 2017. 163

f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC, Goiás, 2017.

GARCIA, David. *Redes sociais sabem sua orientação sexual mesmo se você estiver fora delas*. *Science Advancs*. V. 3, n. 8, ago, 2017.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOFFMAN, Erving. *Representações: crenças no papel que o indivíduo está representando*. In: GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. RJ: Vozes, 2009.

LASSER, J.; RYSER, G. & PRICE, L. *Development of a Lesbian, Gay, Bisexual Visibility Management Scale*, *Journal of Homosexuality*, 57 (3), 2010, p. 415-428.

LOPES, Denilson. *Por uma nova Invisibilidade*. Mimeio, Rio de Janeiro, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. *Corpo, Gênero e Sexualidade*. 9. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2013.



LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 4 ed. Belo Horizonte: ed. Autentica, 2019.

MISKOLCI, Richard. *Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay*. Cadernos Pagu, Campinas, n.28, jan/jun, 2007, p. 101–128.

MISKOLCI, Richard. *Discreto e fora de meio. Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea*. Cadernos Pagu, Campinas, v. 44, janeiro-junho, 2014, pp. 61-90.

MOSCOVICI, Serge *Representações sociais: investigações em psicologia social*. RJ: Vozes, 2005.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social*. editado em inglês por Gerard Duveen; Traduzido do inglês por Pedrinho a. Guareschi. ed. 7. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

RABELO, Amanda Oliveira. *Professores discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental*. Educação e Pesquisa. São Paulo. V. 39. n. 4. Out/dez, 2013, p. 907–925.

ROFES, Eric. *Transgressão e corpo localizado: gênero, sexo e o professor homossexual*. In: Talburg, Susan; Steinberg, Shirley R. *Pensar queer: sexualidade, cultura, e educação*, Mangualde: Edições Pedagogo 2007.

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos. *Docências Trans: entre a decência e a abjeção*. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 38, 2017, São Luís, Maranhão. *Gênero, Sexualidade e Educação*. Disponível em: <<http://www.anped.org.br>>. Acesso em 14 jun. 2024.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *A epistemologia do armário*. Cadernos Pagu, Campinas – SP. V. 28. Dossiê Sexualidades Disparatadas, 2007, p. 19–54.

SEIDMAN, Steven. *Beyond the closet: The transformation of gay and lesbian life*. New York: Routledge, 2002.

VIEIRA, Rafael Lima.; LAGE, Allene Carvalho. *O gênero em disputa: ausências e presenças da demanda LGBT na escola*. Inter-ação, Goiânia, v. 42, n.3, 2017, p.590–607.